

A influência das crenças para a aquisição da autonomia dos alunos na aprendizagem de língua inglesa no Ensino Médio

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3218>

Francine Martins Molinari¹
Dirce Charara Monteiro²

Resumo

O desenvolvimento da autonomia é uma competência desejável no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Uma possibilidade na busca pelo aluno autônomo é identificar suas crenças e discutir sua influência no desenvolvimento da autonomia, objetivo geral desta pesquisa. Com base em estudos teórico-metodológicos sobre crenças e autonomia, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, com uma turma de 33 alunos do Ensino Médio Integrado ao Técnico. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, com 15 questões, aplicado aos alunos em 2019. A análise dos resultados revelou algumas das crenças dos alunos que podem auxiliar o professor que deseja um aluno autônomo, bem como a necessidade de desconstruir aquelas que não favorecem a autonomia desejada. Dentre as primeiras, destacamos “É possível aprender inglês sozinho” e, dentre aquelas que não contribuem para a autonomia, “O melhor lugar para aprender inglês é no país em que ele é falado como língua materna”. Resumindo, as crenças do grupo de alunos que participaram da pesquisa refletem suas opiniões sobre a autonomia na aprendizagem de inglês e demonstram que é possível aprender inglês sozinho, se houver esforço e dedicação por parte dos alunos, com orientação do professor em alguns momentos, com a complementação de jogos, internet, músicas e séries televisivas e por meio de outras atividades diversificadas, além do uso do livro didático. Os resultados poderão contribuir para uma prática pedagógica mais eficaz no ensino de língua inglesa.

Palavras-chave: crenças; autonomia; língua inglesa; Ensino Médio.

1 Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara, São Paulo, Brasil; fran_molinari@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-1799-1889>

2 Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara, São Paulo, Brasil; dcharara@terra.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-5025-2148>

The influence of beliefs for the acquisition of students' autonomy in the learning of the English language in high school

Abstract

The development of autonomy is a desirable competence in the teaching learning process of the English language. A possibility in the search for the autonomous students is to identify their beliefs and to discuss their influence in the development of autonomy, the general aim of this research. Based on theoretical studies on beliefs and autonomy, a qualitative research, a case study, with a group of 33 high school students was developed. The instrument used to gather data was a questionnaire with 15 items for the students, applied in 2019. The analysis of the results showed some of the students' beliefs that may help the teacher that wants an autonomous student as well as the necessity to deconstruct the ones which do not favor the desired autonomy. Among the first ones, we highlight "It's possible to learn English alone", and among the ones that do not contribute to autonomy, "The best place to learn English is in the country in which it is spoken as native language". In summary, the beliefs of the group of students who participated of the research reflect their opinions about autonomy in the English language learning and show that it is possible to learn English alone, if there is effort and dedication of the students, with the teacher's orientation in some moments and with the complementation of games, internet, songs and television series and by means of other varied activities, besides the use of the textbook. The results may contribute to a more effective pedagogical practice in English language teaching.

Keywords: beliefs; autonomy; English language; high school.

Introdução

Considerando o contexto desafiador com o qual os professores de Língua Inglesa (LI) se deparam atualmente no Ensino Médio Integrado ao Técnico, foco de nossa pesquisa, com salas de aula heterogêneas, um número excessivo de alunos, com níveis diferentes de conhecimento da língua inglesa e um número reduzido de aulas semanais (uma aula por semana), a necessidade de fomentar a autonomia dos alunos é importante para melhorar seus estudos e conhecimento da língua inglesa. Portanto, identificar as crenças dos alunos pode ser um caminho para destacar aquelas que podem auxiliar ou dificultar o desenvolvimento da autonomia no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

O desenvolvimento de pesquisas na área de crenças nas duas últimas décadas constitui um indicador da sua importância para a Linguística Aplicada (doravante LA), pois auxiliam na identificação de fatores que influenciam significativamente as tomadas de decisões de alunos e professores e, desta maneira, interferem de diferentes formas nos processos de ensino-aprendizagem de línguas, com destaque para o desenvolvimento da autonomia.

Na década de 90, as pesquisas sobre crenças no processo de ensino e aprendizagem de línguas aumentaram no contexto nacional, tanto com foco no aluno como no professor. Podemos encontrar várias denominações para o termo crenças e várias definições específicas para diferentes áreas de estudo. Na área de ensino e aprendizagem de línguas, destaca-se a concepção de Barcelos (2001, p. 72), segundo a qual “as crenças são opiniões e ideias de aprendizes e professores sobre os processos de ensino e aprendizagem de línguas”. Para a autora, o entendimento do conceito de crenças no que concerne ao processo de ensino e aprendizagem de línguas é importante, já que pode indicar o que o aluno espera desse processo, o que justifica o aumento dos estudos sobre crenças na área da Linguística Aplicada.

Alguns exemplos de crenças de alunos identificadas em estudos da década de 90 são apresentados a seguir: (a) só se deve aprender uma língua estrangeira nos países onde essa língua é falada (BARCELOS, 1995; CARVALHO, 2000); (b) é possível aprender uma língua estrangeira em pouco tempo; e (c) a língua portuguesa é mais difícil do que a língua inglesa (VIANA, 1993). Destacamos que as crenças são pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore. As crenças também podem ser internamente inconsistentes e contraditórias.

Estudos como os de Luz (2006), Carvalho (2000), Barcelos (1995) e Viana (1993) demonstram que os alunos não estão preparados para o estudo autônomo, já que suas crenças revelam que possuem visões tradicionais sobre o papel do professor e dos alunos em sala de aula: o docente, como um detentor e transmissor do conhecimento e os alunos, como receptores passivos dos conteúdos transmitidos. Ribeiro (2007) defende a necessidade da aprendizagem autônoma, isto é, aquela na qual o aprendiz exerce plena autonomia e controle, reconhecida como desejável e eficiente por renomados educadores, principalmente em razão das novas necessidades e formas de ensino no século XXI, tendo em vista o impacto social das novas tecnologias de informação e comunicação. Assim sendo, o papel do professor de línguas, como mediador da aprendizagem, nesse contexto, é promover a capacidade de seus alunos de se tornarem pensadores criativos, analíticos e críticos e que possam assumir controle sobre o planejamento da sua aprendizagem, isto é, prepará-los para o desenvolvimento pessoal, assegurando-lhes o envolvimento ativo no processo de aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessária a compreensão de autonomia da aprendizagem e de suas implicações no aprendizado de língua inglesa.

A hipótese de pesquisa é que existe uma relação entre as crenças dos alunos e a possibilidade do desenvolvimento da autonomia. A desconstrução de algumas crenças que interferem nesse processo pode auxiliar o professor a desenvolver a autonomia de seus alunos.

Apoio teórico

O apoio teórico da pesquisa para os temas crenças de aprendizagem e autonomia foi oferecido por estudos obtidos por meio de um mapeamento realizado nas seguintes bases de dados: Universidade Católica de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Brasília (UnB), no período de 2000 a 2015. Em todas essas instituições, foram usadas, para pesquisa, as seguintes palavras-chave: “crenças de alunos”, “autonomia” e “ensino-aprendizagem de língua inglesa”.

Os principais autores de referência que fundamentaram este estudo foram Barcelos (2004), Vieira-Abrahão (2010), Silva (2019), Silva (2007, 2005), Ribeiro (2007), Paiva (2006), Nicolaidis e Fernandes (2002), entre outros.

De acordo com Barcelos (2004), o estudo sobre crenças na aprendizagem de línguas é um assunto relativamente novo em Linguística Aplicada (LA), sendo que as primeiras pesquisas sobre o tema surgiram por volta da década de 80 no exterior, e no Brasil, por volta dos anos 90. Viana (1993), um dos pioneiros dos estudos sobre crenças no Brasil, considera o papel essencial das crenças no sentido de influenciar em demasia a maneira de ensinar e de aprender Língua Inglesa (LI). Segundo Barcelos (2004), são conceitos cognitivos, sociais, interativos, recíprocos e dinâmicos, que estão relacionados com as experiências e com a forma como se pensa e se reflete sobre elas.

A concepção de crenças deste artigo se alinha à de Barcelos (2001), segundo a qual “elas podem ser definidas como opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas” (BARCELOS, 2001, p. 72). Compartilhamos também do caráter social das crenças, resultando de experiências vivenciadas pelos indivíduos e, portanto, sujeitas a modificações.

O conceito de autonomia passou a ser valorizado no âmbito da LA, a partir da década de 1980, e está relacionado com o reconhecimento do papel ativo do aprendiz em seu processo de aprendizagem. Partimos, então, do conceito clássico proposto por Holec (1981 *apud* BENSON, 2006, p. 22), que foi o primeiro a definir autonomia como “a habilidade de encarregar-se de sua própria aprendizagem”³.

3 No original: “[...] autonomy was defined as ‘the ability to take charge of one’s own learning’ (HOLEC *apud* BENSON, 2006, p. 22).

De forma geral, a autonomia no processo de aprender línguas é entendida como o ato de o aluno se ver como o personagem principal, a quem cabe regular e administrar sua própria aprendizagem.

Para Paiva (2006, p. 139), a autonomia é

[...] um sistema sociocognitivo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle do próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, disposição, tomada de decisões, escolhas, planejamento, ações e avaliação tanto como um aprendiz de línguas ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula.

A definição do conceito de autonomia é complexa e envolve variáveis culturais, sociais, psicológicas e políticas. A autonomia é vista como sistema dinâmico, não-linear, adaptativo, aberto, auto-organizado e sensível às condições iniciais e ao *feedback*.

Nicolaides e Fernandes (2002) ressaltam que, ao tentarmos promover um aprendizado autônomo com nossos alunos, logo percebemos o quão complexo é esse processo. Essa complexidade se dá, principalmente, pelo fato de o contexto educacional estar imbuído de crenças e atitudes que resistem a inovações, o que também ocorre quando se trata de desenvolver o aprendizado autônomo na aprendizagem de Língua Estrangeira (LE). Essas autoras defendem a inclusão da autonomia como um dos objetivos da educação e concluem:

Esses argumentos mostram a relevância de se incluir em uma proposta pedagógica a meta de auxiliar o aprendiz a tornar-se mais autônomo. E, em um plano mais profundo, a tornar-se uma pessoa mais competente para fazer suas próprias escolhas e, portanto, com mais oportunidades de ser feliz em sua vida pessoal. (NICOLAIDES; FERNANDES, 2002, p. 80).

Efetivamente, são fundamentais as contribuições dos estudos sobre crenças para auxiliar no desenvolvimento da autonomia no processo de ensino e aprendizagem de línguas, no entanto, é necessário que esses estudos não estejam voltados apenas para a simples descrição das crenças, conforme aponta Barcelos (2001, p. 87),

[...] precisam ir além da simples descrição das crenças [...] é preciso uma investigação contextualizada das crenças. É necessário entender como as crenças interagem com as ações dos alunos e que funções elas exercem em suas experiências de aprendizagem dentro e fora de sala de aula.

Silva (2007, p. 252), na mesma linha de Barcelos, argumenta que os estudos sobre crenças não devem se restringir apenas “a identificar problemas e apontar caminhos para possíveis soluções. É hora de estarmos lidando com as soluções”.


Com base nessas considerações, este estudo a respeito de crenças sobre ensino-aprendizagem de língua inglesa de um grupo de alunos do Ensino Médio, buscando relacioná-las com as atitudes desses alunos que influenciarão sua aprendizagem, se justifica no sentido de buscar caminhos que os auxiliem a aprender a língua inglesa de maneira autônoma e efetiva e utilizá-la nas situações comunicativas. O papel do professor de línguas, nesse contexto, é promover a capacidade de seus alunos se tornarem pensadores criativos, analíticos e críticos e que possam assumir controle sobre o planejamento da sua aprendizagem, isto é, prepará-los para o desenvolvimento pessoal, assegurando-lhes o envolvimento ativo no processo de aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessária a compreensão de autonomia da aprendizagem e de suas implicações no aprendizado de língua inglesa.

Metodologia da pesquisa

Trata-se de pesquisa qualitativa de natureza documental e investigativa, aprovada pelo Comitê de Ética da UNIARA sob o número CAEE: 23867319.6.0000.5383. Pode ser considerada uma pesquisa qualitativa, mais especificamente, um estudo de caso. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 51), uma pesquisa qualitativa consiste numa “espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra”. Para esses autores, “a investigação qualitativa possui cinco características, quais sejam: o ambiente natural como fonte direta de dados; descrição; interesse maior pelo processo do que pelos resultados; análise indutiva dos dados; importância ao significado” (p. 47).

Na pesquisa qualitativa em educação, o estudo de caso permite o aprofundamento de um tema, nesta investigação, a relação entre crenças e autonomia, e pode trazer contribuições importantes para a prática pedagógica em ensino-aprendizagem de língua inglesa. Bogdan e Biklen (1994, p. 89) concordam com Merriam (1988), para quem “O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto ou indivíduo de uma única fonte de documentos ou um acontecimento específico”. Nesta investigação, o grupo selecionado foi um grupo de alunos do Ensino Médio Integrado ao Técnico, de uma escola pública, contexto priorizado pelas dificuldades que ainda desafiam os docentes que atuam nesse nível de ensino.

A pesquisa foi realizada em um Instituto Federal do interior paulista, localizado em uma cidade de porte médio, após a obtenção do Consentimento Institucional. A escola possui cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e cursos superiores, oferece cursos de formação inicial e continuada (FIC) e pós-graduação. O espaço físico do *campus* conta



com nove salas de aula, 15 laboratórios, sendo 11 multidisciplinares, biblioteca, cantina e duas salas de apoio. Os alunos da Instituição contam com o apoio do setor socio-pedagógico, como também de assistente social e psicólogo. O *campus* oferece cursos técnicos na área de Química, Mecatrônica e Redes de Computadores. Os alunos estudam as disciplinas propedêuticas juntamente com as disciplinas técnicas, sendo preparados para o mercado de trabalho, bem como para ingressar em uma universidade.

Os participantes desta pesquisa foram adolescentes brasileiros, de ambos os sexos, alunos do primeiro ano do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico de Redes de Computadores, com idade média de 15 anos. A sala contava com 40 alunos, no entanto apenas 33 aceitaram participar da pesquisa.

O instrumento utilizado para a identificação das crenças dos alunos foi um questionário (Apêndice A), justificando-se, nesta seção, a inclusão de algumas observações relativas à escolha desse instrumento. Vários pesquisadores estudaram as metodologias mais adequadas para a investigação de crenças, dentre os quais podemos citar Silva (2007, 2003), Vieira Abrahão (2006), Moreira e Monteiro (2010). Dentre os instrumentos mais utilizados nas investigações sobre crenças destacam-se os questionários, as entrevistas, a observação de aulas e os diários de campo.

Nesta pesquisa, nossa opção recaiu nos questionários, já que o interesse era confirmar ou não algumas crenças de um grupo de alunos e, a partir dos resultados obtidos, identificar aquelas relacionadas com a autonomia dos estudantes.

Segundo Vieira-Abrahão (2006), os questionários envolvem questões pré-determinadas apresentadas de forma escrita, apresentam vantagens e requerem alguns cuidados em sua elaboração, detalhadas a seguir:

Muito embora sejam fáceis de aplicar, possam envolver um grande número de informantes e consumam menos tempo que as entrevistas no momento de sua aplicação, os questionários requerem muito tempo e cuidado para a sua elaboração. Questões como nível de linguagem e conhecimento dos informantes, brevidade e clareza das respostas e extensão do instrumento devem ser cuidadosamente consideradas pelo elaborador. (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006, p. 221).

Vieira-Abrahão (2006) também aponta a necessidade de o instrumento ser pilotado antes de sua efetiva aplicação, para que possam ser feitos os ajustes necessários com relação à ambiguidade ou falta de compreensão. É possível e pertinente que os questionários sejam elaborados com base em blocos temáticos para que facilitem ao respondente no momento de seu preenchimento.

Seguindo as orientações de Vieira-Abrahão, foi elaborado um questionário com 15 perguntas abertas e de múltipla escolha para identificar as crenças sobre o ensino-aprendizagem de inglês dos 33 alunos do Ensino Médio que aceitaram participar da pesquisa. Teve por base um inventário de crenças sobre ensino e aprendizagem de escrita, composto de 47 asserções, utilizado por Luz (2006), além de crenças identificadas por Carvalho (2000), Barcelos (1995) e Viana (1993).

Apresentando os resultados

A análise das respostas aos questionários permitiu a identificação das seguintes crenças no grupo de alunos do Ensino Médio que participaram da pesquisa apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 1. Conjunto de crenças

Crenças	Concordo	Não concordo	Concordo em parte
1. O melhor lugar para aprender inglês é no país em que ele é falado como língua materna.	51,51%	6,06%	42,42%
2. É possível aprender inglês em um curto período de tempo.	45,45%	15,15%	39,39%
3. É possível aprender inglês depois de um longo período de estudo da língua.	87,87%	0%	12,12%
4. É possível aprender inglês sozinho.	57,57%	15,15%	27,27%
5. O aprendizado de inglês se dá apenas em sala de aula.	0%	84,84%	15,15%
6. O aprendizado de inglês se dá apenas em escolas de idiomas.	0%	84,84%	15,15%
7. É possível aprender inglês somente com as aulas oferecidas pela escola no Ensino Fundamental e Médio.	15,15%	27,27%	60,60%
8. Somente se aprende inglês com a ajuda de um professor nativo.	0%	93,93%	6,06%
9. A melhor maneira de aprender inglês é com músicas e jogos.	18,18%	9,09%	72,72%
10. A internet ajuda no aprendizado de inglês.	90,90%	0%	9,09%

11. Traduzir para a língua materna atrapalha o aluno para aprender inglês.	6,06%	57,57%	36,36%
12. Os alunos acham a língua inglesa muito difícil.	30,30%	18,18%	51,51%
13. As atividades devem partir apenas do livro didático e do professor.	3,03%	81,81%	15,15%
14. Fazer pesquisa ajuda a aprender a língua inglesa.	90,90%	0%	9,09%
15. O aluno aprende melhor o inglês se puder escolher os temas que quer estudar.	30,30%	15,15%	54,54%

Fonte: Molinari (2020, p. 71)

A tabela 1 nos permite identificar a concordância total ou parcial dos alunos em relação às crenças elencadas no questionário.

A maioria dos alunos **concorda ou concorda em parte** que:

- é possível aprender inglês depois de um longo período de estudo da língua;
- é possível aprender inglês sozinho;
- é possível aprender inglês no Ensino Fundamental e Médio, mas só o básico, principalmente em razão do pouco tempo;
- é possível aprender inglês sem estar num país de língua inglesa;
- a melhor maneira de aprender inglês é com músicas e jogos, mas reconhece a necessidade de fazer atividades que não gosta, mas que são necessárias, revelando uma crença importante para o professor e que pode auxiliá-lo em sua prática docente;
- não é necessário que o professor de inglês seja um falante nativo,
- a internet ajuda no aprendizado do inglês;
- a tradução auxilia no entendimento do texto.

Primeiramente, algumas das crenças apresentadas na tabela 1 têm relação mais direta com a autonomia do aprendiz. É o caso da crença **“É possível aprender inglês sozinho”, dependendo da pessoa, mas com** “orientação em alguns momentos” que revela uma autonomia relativa, complementando que o professor é muito importante para orientar e esclarecer dúvidas. Ao apontar que “É possível aprender inglês depois de um longo período de estudo da língua”, os alunos reconhecem que todos podem aprender, mas

o processo é longo e requer estudo. Num período curto, é possível aprender apenas o básico.

No tocante à crença, identificada na tabela 1, de poder escolher os temas que querem estudar, houve apenas uma concordância parcial entre os alunos, complementando que também terão que estudar temas que não apreciam. É essencial que os alunos percebam que o fato de escolherem temas de seu interesse contribui para a autonomia, já que a aprendizagem se torna mais atrativa e que as tarefas que executam dentro de seu campo de interesse servirão de exemplo para outras que poderão fazer sozinhos, tornando-se, desse modo, mais autônomos.

Ao valorizarem o papel da tradução, conforme comentado anteriormente, considerada uma atividade indesejável nas abordagens estruturais, é possível relacionar essa crença como elemento importante para a autonomia, pois ela ajuda a entender o texto.

Outras crenças que podem estar relacionadas à autonomia no processo de ensino aprendizagem de língua inglesa são: “É possível aprender inglês fora da sala de aula”, “Aprender Inglês exige esforço e vontade”, “O livro didático não deve ser a única fonte de atividades no ensino de inglês”, “É necessário complementar (jogos, internet, músicas, séries) para se tornar fluente”.

“Fazer pesquisa ajuda a aprender a língua inglesa” é mais uma crença que pode facilitar o desenvolvimento da autonomia, porque exige que o educando busque informações para realizar tarefas sugeridas pelo professor ou pelo livro didático.

É importante ressaltar que a maioria das crenças referentes à autonomia confirma a importância da tecnologia para o desenvolvimento da autonomia.

Ao apontarem a crença de que não é necessário que o professor de inglês seja um falante nativo, reconhecem a distinção entre alguém que saiba falar a língua e alguém que seja capaz de ensiná-la, valorizando o trabalho do professor.

A tabela 1 permite também avaliar as **discordâncias** dos alunos em relação às crenças constantes do questionário:

- o aprendizado de inglês se dá apenas em salas de aula ou em escolas de idiomas;
- as atividades devem partir apenas do livro didático e do professor, apontando a importância dos jogos, filmes e da internet, entre outras fontes de material.

Em relação ao papel das salas de aula ou das escolas de idiomas, observou-se uma alteração de resultados de pesquisas anteriores sobre crenças, como a de Viana (1993) e Barcelos (1995), que indicavam a escola de idiomas como o lugar ideal para se aprender Inglês. Essa crença se alterou no contexto atual, pois os alunos estão preocupados com a qualidade do ensino oferecido por essas escolas para que a aprendizagem seja bem-sucedida, bem como apontam alternativas tais como cursos *on-line*.

Outro resultado importante para as práticas dos professores preocupados com o desenvolvimento da autonomia refere-se à relativização do uso do livro didático e à necessidade de inclusão de outros materiais, principalmente lúdicos, como é o caso de jogos e filmes da internet.

Resumindo, as crenças do grupo de alunos que participaram da pesquisa refletem suas opiniões sobre a autonomia na aprendizagem de inglês e demonstram que é possível aprender inglês sozinho, se houver esforço e dedicação por parte dos alunos, com orientação do professor em alguns momentos, com a complementação de jogos, internet, músicas e séries e por meio de outras atividades diversificadas, além do uso do livro didático.

Considerações finais

Este artigo apresentou um recorte da dissertação de Molinari (2020), discutindo o papel das crenças de aprendizagem no desenvolvimento da autonomia no aprendizado de língua inglesa com alunos do primeiro ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico. As principais crenças do grupo de alunos participantes da pesquisa foram identificadas e analisadas, oferecendo pistas para o professor sobre aquelas que poderão auxiliar ou dificultar a aprendizagem autônoma.

Ressalte-se a importância da tecnologia, para os professores e alunos, com destaque para o uso da internet, como rica fonte de recursos para a aprendizagem de inglês e ferramenta auxiliar no desenvolvimento da autonomia, oferecendo atividades lúdicas como jogos e filmes, bem como materiais de pesquisa.

Esta investigação sugeriu aos professores de inglês um caminho no sentido de identificarem as principais crenças de seus alunos e reconhecer, dentre elas, aquelas que podem auxiliar (ou não) no desenvolvimento da autonomia. Nesse sentido, algumas alterações de suas práticas serão necessárias, desempenhando o papel de mediador e favorecendo o desenvolvimento de um aluno ativo e autônomo.

A expectativa é que os resultados apresentados possam trazer contribuições para auxiliar os professores de LI em sua tarefa de proporcionar a aprendizagem e ampliar

a autonomia entre seus alunos e que, mediante as propostas sugeridas neste trabalho, sejam capazes de desenvolver uma prática mais eficaz em suas aulas.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, A. M. F. *A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras*. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre Aprendizagem de Línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *In*: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (org.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-42.

BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (org.). *Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006.

BENSON, P. Autonomy in language teaching and learning. *Language Teaching*, v. 40, p. 21-40, 2006. Disponível em: http://www4.pucsp.br/inpla/benson_artigo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0261444806003958>

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, V. C. P. S. *A aprendizagem de língua estrangeira sob a ótica de alunos de letras: crenças e mitos*. 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

LUZ, T. A. da *Crenças sobre escrita e seu ensino: implicações para o processo de formação inicial do professor de inglês como língua estrangeira*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MOLINARI, F. M. *A influência das crenças e do livro didático para a aquisição da autonomia dos alunos na aprendizagem de língua inglesa no Ensino Médio*. 2020. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Universidade de Araraquara, Araraquara, 2006.

MOREIRA, V.; MONTEIRO, D. C. O uso de instrumentos e procedimentos de pesquisa sobre crenças: promovendo formação reflexiva. *Trabalhos em linguística aplicada [online]*, v. 49, n. 1, p. 205-221, 2010.

NICOLAIDES, C.; FERNANDES, V. Crenças e atitudes que marcam o desenvolvimento de autonomia no aprendizado de língua estrangeira. *Revista The Specialist*, PUC-SP, v. 23, n. 1, p. 75-99, 2002.

PAIVA, V. L. M. de O. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino* (UCPel), Pelotas, v. 9, n. 1, p. 78-127, 2006. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/amfale.htm> Acesso em: 20 abr. 2019.

RIBEIRO, C. G. Autonomia na Aprendizagem de Língua inglesa. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI*, 1. 2007, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 1-12.

SILVA, D. de A. Crenças de Aprendizagem de LE e seus Reflexos na Formação Inicial de Alunos-Professores. *Letras Escreve*, Macapá, v. 6, n. 2, 2º semestre, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVA, K. A. *Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, K. A. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. *Linguagem & Ensino*, v. 10, n. 1, p. 235-271, jan./jun. 2007.

VIANA, N. A. *A desconstrução dos mitos na aprendizagem de língua estrangeira*. Uberlândia. Departamento de Letras, UFU, 1993. 5f. Mimeografado.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. *In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (org.). Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 219-231.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Leia as afirmações abaixo e escolha uma das alternativas para respondê-las. Justifique as respostas:

1) O melhor lugar para aprender inglês é no país em que ele é falado como língua materna.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

2) É possível aprender inglês em um curto período.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

3) É possível aprender inglês depois de um longo período de estudo da língua.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

4) É possível aprender inglês sozinho.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

5) O aprendizado de inglês se dá apenas em sala de aula.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

6) O aprendizado de inglês se dá apenas em escolas de idiomas.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

7) É possível aprender inglês somente com as aulas oferecidas pela escola no Ensino Fundamental e Médio?

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

8) Somente se aprende inglês com ajuda de um professor nativo.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

9) A melhor maneira de aprender inglês é com músicas e jogos.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

10) A internet ajuda no aprendizado de inglês.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

11) Traduzir para a língua materna atrapalha o aluno para aprender inglês.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

12) Os alunos acham a língua inglesa muito difícil.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

13) As atividades devem partir apenas do livro didático e do professor.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

14) Fazer pesquisa ajuda a aprender a língua inglesa.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____

15) O aluno aprende melhor o inglês se puder escolher os temas que quer estudar.

- a) Concordo
- b) Não concordo
- c) Concordo em parte

Por quê? _____